

PALAVRAS QUE SALVAM: USOS E REPRESENTAÇÕES SOBRE A MÍDIA IMPRESSA NA PRISÃO

PALABRAS SALVADORAS: USOS Y REPRESENTACIONES DE LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN EN LA CÁRCEL

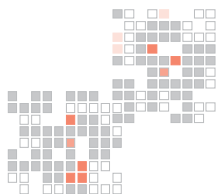
SAVING WORDS: USES AND REPRESENTATIONS OF THE PRINT MEDIA IN PRISON

Valquíria Michela John

■ Graduada em Jornalismo pela Univali e mestre em Educação pela UFSC. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação na UFRGS. Professora da Univali. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação e Educação, Comunicação Popular e Comunicação e Saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: estudos de recepção, ficção seriada, jornalismo especializado, Comunicação e relações de gênero e representações sociais.

■ E-mail: val@univali.br

196



RESUMO

A investigação teve como objetivo conhecer as representações atribuídas pelos presidiários de um estabelecimento penal de Santa Catarina à leitura que realizam dos materiais impressos a que têm acesso naquele ambiente. As representações são construídas a partir da vivência antes do ingresso na prisão, de sua prática como leitores (ou não) e reforçadas pelas condições da vida em confinamento, representações estas que são o resultado de todo o processo de socialização daqueles sujeitos, das interações sociais que vivenciaram e vivenciam e construídas a partir dos saberes provenientes do senso comum. Neste contexto, atribuem à leitura da mídia impressa, entre outras representações, um papel decisivo na resolução das desigualdades sociais.

PALAVRAS-CHAVE: MÍDIA IMPRESSA; LEITURA; PRISÃO; REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.

RESUMEN

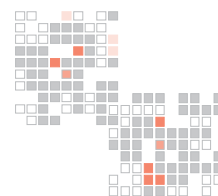
La investigación tuvo como objetivo comprender las representaciones dadas por los reclusos de una institución penal de Santa Catarina llevar a cabo la lectura de material impreso que tienen acceso a ese medio ambiente. Representaciones se construyen a partir de la experiencia antes de entrar en la cárcel, como los lectores de su práctica (o no) y reforzada por las condiciones de vida en el encierro, que estas representaciones son el resultado del proceso de socialización de los sujetos, las interacciones sociales que han experimentado y la experiencia y construido desde el conocimiento de sentido común. En este contexto, el atributo de la lectura de prensa escrita, entre otras representaciones, un papel decisivo en la solución de las desigualdades sociales.

PALABRAS CLAVE: PRENSA; LECTURA; PRISIÓN; REPRESENTACIONES SOCIALES.

ABSTRACT

The investigation had as objective: to know the representations attributed by the convicts of a penal establishment of Santa Catarina to the reading that you/they accomplish of the materials printed papers the one that have access in that adapts. The representations are built starting from the existence before the entrance in the prison, of his/her practice as readers (or no) and reinforced by the conditions of the life in confinement, representations these that are the result of whole the process of socialization of those subjects, of the social interactions that you/they lived and they live and built starting from you know them coming of the common sense. In this context, they attribute to the press reading, among other representations, a decisive paper in the resolution of the social inequalities.

KEYWORDS: PRESS; READING; PRISON; SOCIAL REPRESENTATIONS.



1. Introdução

A cada dia temos à nossa disposição 24 horas, a serem organizadas de modo a propiciar que realizemos uma série de atividades: trabalho, escola, lazer, entretenimento, alimentação, relações sociais, entre tantas outras. Conforme o mundo se transforma, sofre “revoluções”, “progride”, a impressão que temos é de que as 24 horas de cada dia estão passando cada vez mais rápidas.

Na contracorrente deste contexto de 24 horas “insuficientes” para realizar tudo a que nos dispomos, está a “sociedade” prisional. Cumprir uma pena no Brasil (e em muitos outros lugares do mundo) representa, na esmagadora maioria dos casos, a disposição de 24 horas de quase total ociosidade. Ali, o tempo corre lento demais. Não há trabalho para todos, atividades de cultura e lazer são raras, ainda que previstas em lei.

O que fazer com 24 horas (dias, semanas, meses, anos) num espaço marcado pela opressão, pela agressão aos direitos humanos, pela quase total inexistência de opções? Dentre as limitadas opções, alguns detentos¹ praticam o ato de ler.

Entendendo a prisão como um espaço de reprodução de desigualdades, onde podemos observar que ter ou não ter dinheiro faz toda a diferença no cumprimento de uma pena, que a falta de acesso à escola e a outras oportunidades é a característica predominante entre a população prisional no Brasil, o que pode explicar o gosto ou a importância atribuída por pessoas que estão limitadas a paredes de concreto, a uma revista, um jornal, um livro velho, à leitura da Bíblia? Através da leitura do texto escrito pode-se estar tentando romper com os limites impostos pela privação da liberdade? Que sentidos, sentimentos estão envolvidos nesse processo?

Na prisão, ao contrário da escola, a leitura não é uma ação obrigatória - o que pressupõe atitude

1 A expressão detento é utilizada no texto referindo-se à pessoa que cumpre pena em estabelecimento prisional, como sinônimo para presidiário, preso.

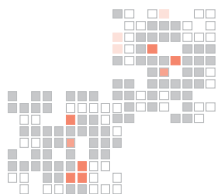
mecânica, trabalhada como imposição - ao contrário, ela é um ato de autonomia, de livre escolha influenciada, obviamente, pelo contexto em que se processa. Neste sentido, apesar de todas as críticas direcionadas à questão penitenciária no Brasil e a argumentação de muitos estudiosos quanto ao fracasso da prisão, no que se refere à recuperação e reinserção social dos detentos, esta pode ser um espaço de constituição de leitores. Que tipo de leitores são encontrados ali, que relações mantêm com a leitura que fazem, quais as representações que lhe atribuem é a grande problemática que norteou esta investigação.

Em face da problematização proposta, a pesquisa teve como objetivo conhecer as representações atribuídas pelos presidiários de um estabelecimento penal de Santa Catarina à leitura que realizam da mídia impressa² a que têm acesso naquele ambiente, durante o período de reclusão. Para responder a este objetivo foram verificados os critérios utilizados pelos detentos para selecionar os materiais de leitura, os benefícios que eles esperavam tirar desses materiais; o tempo gasto com a leitura; os materiais e conteúdos predominantes de interesse; as imagens, interesses ou desejos que os conteúdos lidos despertavam.

2. O universo das representações

Conforme Berger e Luckmann (1996) é através da interação com os grupos humanos que o homem se torna um ser social. Sozinho, isolado do convívio com outros seres humanos o homem ja-

2 A expressão mídia impressa aqui adotada refere-se a todo e qualquer material impresso, independente de seu caráter massivo ou não. Incluem-se, portanto, nessa expressão jornais, revistas, livros, folders, panfletos, textos religiosos, entre outros, conforme destacados pelos próprios sujeitos participantes da pesquisa. Embora a intenção inicial fosse analisar a recepção quanto ao jornal impresso local (conhecido por seu caráter sensacionalista), o contato com o *locus* de pesquisa levou a pesquisadora a ampliar seu objeto para todo e qualquer material, de modo a não forçar um objeto e sim levar em conta a relação e o contexto de mediações imposto pela vida confinada a todo e qualquer material impresso.



mais chegaria a esta condição. A transformação do homem em *homo socius* ocorre através do processo de socialização, quando passamos a representar, a atribuir significados ao mundo que nos rodeia, ao que os autores conceituam como a “construção social da realidade”. O mundo é, portanto, o resultado de nossas representações.

A representação constitui-se num saber que os indivíduos de certo grupo social ou uma sociedade elaboram sobre algum aspecto ou sobre toda a sua existência. Trata-se, portanto, de uma interpretação que está diretamente ligada ao social, às relações com o grupo, às crenças, tradições, à cultura, enfim, todos os aspectos que compõem a vida em sociedade tornando-se, para aqueles que a aceitam, a própria realidade. Moscovici (2003) atribui às representações duas funções básicas:

a) convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos: isto quer dizer que através da representação atribuímos uma classificação, um local de existência, não apenas aos objetos e acontecimentos a pensar e está instaurada numa tradição que decreta até mesmo o que deve ser pensado.

Conforme Moscovici (2003) “essas representações que são partilhadas por tantos, penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisos, elas são re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas” (MOSCOVICI, 2003, p. 37). As representações nos são impostas, transmitidas para nós a partir de uma sequência de elaborações e mudanças que ocorrem ao longo do tempo e de sucessivas gerações. É neste sentido que o autor considera as representações como sendo sociais e afirma que “(...) são entidades sociais, com uma vida própria, comunicando-se entre elas, opondo-se mutuamente e mudando em harmonia com o curso da vida; esvaindo-se apenas para emergir novamente sob novas aparências”. (MOSCOVICI, 2003, p. 38).

Os meios de comunicação de massa exercem papel importante nesta “corporificação de idéias” e nas transformações não apenas da sociedade, mas

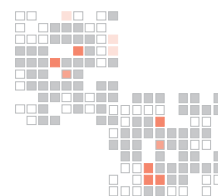
das representações referentes a esta sociedade. Moscovici explicita que as representações sociais (...) “são fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo ‘social’ em vez de ‘coletivo” (MOSCOVICI, 2003, p. 49).

Por entender a representação social como uma manifestação individual que resulta da coletividade das mediações sociais é que podemos traba-

As representações nos são impostas, transmitidas para nós a partir de uma sequência de elaborações e mudanças que ocorrem ao longo do tempo e de sucessivas gerações.

lhar em conjunto com a proposição freireana de leitura do mundo, já que esta é individual, porém resultante das experiências acumuladas e da relação do sujeito com o mundo social que o cerca. Neste sentido, também a leitura da mídia impressa torna-se um objeto de representação.

É neste sentido que as representações da leitura desempenham papel importante na compreensão de como os detentos lêem o mundo. Estas representações nos permitem conhecer e tentar compreender o espaço em que se encontram, a dinâmica das relações sociais ali existentes, porém, mais do que tudo (e muito mais importante) o auto-aprendizado, a capacidade do ser humano de conhecer, de ir além dos limites materiais (neste caso as paredes e as grades) de assumir sua condição de humano, da possibilidade de superar a condição que Paulo Freire chama de oprimido e transformar a realidade. O ato de ler passa, então, a desempenhar papel fundamental na formação da identidade do sujeito recluso, no seu desenvolvimento pessoal, na sua auto-educação.



3. Procedimentos metodológicos

Do ponto de vista da análise dos dados e demonstração dos resultados, adotou-se uma abordagem qualitativa. Como a pesquisa teve por objetivo conhecer o conteúdo das representações atribuídas por presidiários aos materiais de leitura a que têm acesso durante o período de sua reclusão, a forma para chegar até essa representação não poderia ser outra senão através da fala desses sujeitos. Isso decorre do fato de que a representação emerge dos discursos proferidos acerca do tema investigado. Neste processo, o discurso foi tratado não como enunciado linguístico, nem por uma abordagem da semiologia ou da semiótica, mas como a forma com que a representação referente à leitura ganha “materialidade”.

Foram entrevistadas 10 pessoas. Para chegar a este número, cumprimos os seguintes procedimentos:

1. Levantamento da situação penal dos detentos do estabelecimento onde a pesquisa foi realizada, buscando atender aos seguintes critérios de seleção: A – apenas os detentos do pátio fechado masculino: em função da localização da biblioteca³ e, portanto, do maior acesso aos materiais de leitura. B - Detentos já condenados: como se trata de uma Cadeia Pública⁴, são encontrados detentos que aguardam julgamento e detentos que já cumprem pena. Não foram considerados os que aguardavam julgamento, porque poderiam deixar o presídio durante a realização das entrevistas. C - Detentos que ingressaram no presídio há pelo menos um ano, porque desta forma os entrevistados possivelmente teriam tido mais tempo para o contato com a leitura na-

quele contexto. D - Detentos que cumpriam pena enquadrados pelo artigo 12 do Código Penal – tráfico de entorpecentes: este critério foi adotado porque 41% dos presos daquele estabelecimento cometeram este tipo de crime, além disso, o tráfico de drogas é crime inafiançável, as penas variam de três anos e 50 dias a 15 anos de prisão sendo estes, na maioria das vezes, os presos que ficam mais tempo no presídio estudado.⁵

2. Optamos por entrevistar apenas aqueles que eram procedentes do município onde o presídio está localizado, de modo a termos um grupo com origens sociais e culturais semelhantes e

3. O nível de escolaridade não foi adotado como critério de seleção e não participaram da pesquisa somente aqueles que afirmaram não saber ler.

Definido o número de participantes, a coleta de dados foi realizada através de entrevista individual em profundidade, gravada, com o objetivo de preservar ao máximo o conteúdo discursivo. Como procedimento de análise foi utilizado o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) proposto por Lefèvre e Lefèvre (2003) que parte dos discursos em estado bruto (já intensamente trabalhados pelo recorte temático escolhido, pelas perguntas da entrevista) que são submetidos a um trabalho analítico inicial de decomposição.

Conforme Lefèvre (2002), o conjunto dos DSCs obtidos em uma pesquisa refere-se a uma descrição possível de parte do imaginário social referente ao tema que se está investigando. Os discursos individuais são então coletivizados para se chegar ao conjunto das representações daquele grupo. Lefèvre define o DSC apenas como uma forma de organizar os discursos, onde são preservadas as falas individuais (não se agrupam discursos opostos), mas que ao formarem um discurso, descrevem a representação do grupo investigado referente ao tema em questão.

5 À exceção, é claro, dos detidos por homicídio ou estupro, por exemplo, mas estes geralmente ficam em outro pátio – o seguro – não estariam de qualquer forma atendendo aos critérios de seleção.

3 Na verdade não há realmente uma biblioteca em funcionamento no presídio estudado. O termo foi utilizado para designar a sala onde estão localizados os livros, onde também eram ministradas as aulas do ensino fundamental e cursos profissionalizantes.

4 A Cadeia Pública é o local onde ficam os presos que aguardam julgamento. Na prática, entretanto, como as penitenciárias estão superlotadas, a Cadeia Pública acaba sendo o local onde se cumpre a pena. Em muitos estados, como é o caso de Santa Catarina, utiliza-se a expressão presídio para referir-se à Cadeia Pública.

Ao contrário do que se imagina frequentemente, a leitura na prisão não se limita, necessariamente, a ser uma prática que visa ocupar as horas de ócio.

Conforme o autor, no momento em que os discursos são agrupados, eles se tornam “fatos sociais do tipo durkheimiano, isto é, representações sociais ou coletivas, que são entidades qualitativamente distintas dos pensamentos particulares das pessoas” (LEFÈVRE, 2002b, online). Para chegar a este ‘fato social’, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é construído a partir de quatro figuras metodológicas:

1. Ancoragem: é o que forma ou alicerça nossos pressupostos, conceitos ou hipóteses sobre o assunto tratado.;
2. Ideia Central: são afirmações-chave que apresentam o conteúdo discursivo explícito pelos sujeitos em seus depoimentos;
3. Expressões-chave: são as transcrições literais ou palavras-chave que permitem o resgate do essencial, do conteúdo discursivo, dos segmentos em que se divide o depoimento;
4. Discurso do Sujeito Coletivo: é a incorporação de vários discursos semelhantes ou complementares em um ou vários discursos-síntese, a partir do enunciado das expressões-chave que contenham idéias centrais ou ancoragem semelhantes.

4. Apresentando o leitor

Sobre as práticas de leitura, apareceram no grupo aqueles que já tinham o gosto pela leitura antes do ingresso na prisão e aqueles que desenvolveram ou intensificaram esta atividade após a entrada na prisão. As preferências ou as escolhas dos materiais de leitura estão, obviamente, influenciadas pela oferta de materiais. Os entrevistados destacaram que na “rua” tinham mais facilidade, por exemplo, em ler diariamente os jornais locais, tarefa bem mais difícil na prisão. Quando conseguem, principalmente através da família, ou mesmo comprando por intermédio dos agentes prisionais, os jornais que en-

tram no pátio “correm a cadeia toda”.

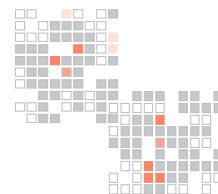
Dos materiais que conseguem ter acesso na prisão, o mais lido é a Bíblia e outros textos religiosos, disponibilizados a eles através dos grupos pertencentes a igrejas diversas que visitam periodicamente o presídio. Alguns apontam a leitura de revistas, geralmente velhas, antes que estas sejam utilizadas na produção de artesanato. Também são citados romances com os mais variados temas e literatura de auto-ajuda.

Além da pouca oferta, outra dificuldade para a prática da leitura é o próprio ambiente. Devido ao grande número de pessoas circulando num espaço pequeno, torna-se difícil encontrar um “local tranquilo” para a leitura. Daí decorre, possivelmente, a escolha dos detentos o melhor local para tal atividade, sobretudo no período da noite. Além disso, a cela parece ser o único reduto em que se consegue atribuir uma visão nuanceada de “casa”, de seu espaço, seu território. Num local onde a individualidade é difícil de ser percebida, o “cubículo” parece ser um espaço de encontro consigo mesmo.

Ao contrário do que se imagina frequentemente, a leitura na prisão não se limita, necessariamente, a ser uma prática que visa ocupar as horas de ócio. Ela tem outras finalidades, outras representações, como se verá adiante. Isto fica evidente na menção da quantidade de horas dedicadas a esta prática, por dia ou por semana. Aqueles que já dedicavam longas horas à leitura “na rua”, também o fazem na prisão, havendo sim algum acréscimo e, aqueles que liam pouco, continuam a fazê-lo, embora este tempo seja proporcionalmente maior e a prática mais frequente do que quando em liberdade.

A leitura não é uma saída desesperadora para

6 A expressão casa, em referência à cela, chegou a ser utilizada por um dos entrevistados.



o preenchimento do tempo. Embora as atividades para a ocupação do tempo sejam realmente escassas, a leitura é uma opção de lazer e de busca de conhecimento, que para eles desenvolve aptidões e desencadeia sentidos que vão muito além da simples ocupação do tempo. Até porque, como a leitura é um ato solitário, que exige concentração e certo distanciamento do mundo a nossa volta, o ambiente da prisão não é favorecedor de tal prática. Lembremos que, eram no mínimo cinco pessoas dividindo um espaço de 9m² (cela), 373 pessoas dividindo um espaço de 1200m². Talvez por isso mesmo a comunicação com o texto tenha sido apontada por eles como rompimento com esta realidade.

5. O discurso do leitor sobre a leitura na prisão

O DSC é o discurso síntese, escrito em primeira pessoa, proveniente de uma coletividade sobre um determinado tema. Para a sua construção utilizam-se as expressões-chave que têm a mesma Idéia Central ou Ancoragem. O que se busca com o DSC é apresentar o conjunto das representações do grupo e romper com a lógica quantitativo-classificatória que se utiliza da categorização das falas. O DSC privilegia o discurso como o meio pelo qual os “indivíduos reais e concretos pensam.”

Como o DSC é a reunião de pedaços de discursos, apresentado como se uma única pessoa falasse por um conjunto, foi necessária a utilização de conectivos, elementos de ligação entre as falas para que o discurso fosse apresentado de forma clara e coerente, sem, contudo intervir ou modificar o conteúdo das falas. A forma de apresentação do DSC fica a critério do pesquisador. Aqui, optamos, em vez de vários discursos-síntese (um para cada ideia central e/ou ancoragem) a apresentação da soma de todos esses discursos sob a forma de um único discurso, que somou oito páginas, do qual apresenta-se um pequeno trecho:

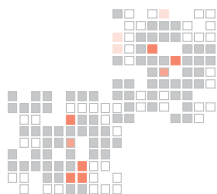
A leitura é uma coisa que só desenvolve a pessoa, quem lê bastante a tendência é ficar mais

desenvolto, mais desembaraçado. A leitura serve para abrir os caminhos, os passos da pessoa, porque a leitura dá mais sabedoria, abre a mente para pensar, faz o cérebro trabalhar mais rápido, os pensamentos. Com a leitura você não fica parado, trabalha direto com a mente, faz da pessoa um homem diferente, uma pessoa de cultura. A pessoa que sabe ler tem a cabeça no lugar pois a leitura desenvolve a mentalidade e a inteligência. A leitura só traz benefício e quanto mais lê, mais aprende, vai conhecendo palavras diferentes. A leitura manda muito, a pessoa que tem conhecimento da leitura tem várias oportunidades boas de emprego. Quem não tem leitura não tem conhecimento, tudo hoje é à base da leitura, sem a informação você não é nada (...).

A partir deste discurso, desta fala do social, emergem as representações do grupo de sujeitos entrevistados referente à prática da leitura de materiais impressos. O discurso apresenta dois momentos bem distintos referentes à prática da leitura: o antes e o após o ingresso na prisão. A relação com a leitura se modifica de um momento para o outro, sendo que a mudança mais evidente é o tempo de dedicação para a leitura, muito maior após o ingresso na prisão. Em contrapartida, a variedade de leitura tornou-se bastante limitada na prisão devido às dificuldades de acesso e à oferta reduzida de materiais impressos. De modo geral, o que se observa na fala deste sujeito coletivo é a atribuição de significados positivos e exclusivamente benéficos à prática da leitura. Em função do espaço limitado para a discussão, apresentaremos aqui algumas das principais representações:

5.1 A importância do ato de ler

A leitura é vista como algo exclusivamente benéfico. Ler, para este grupo, traz o bem e faz o bem, promove a melhora das pessoas, não só a melhora ontológica, mas também o seu crescimento e aprimoramento intelectual. Pode-se afirmar que,



na visão do grupo, a leitura tem uma função espiritual (abre a mente) e uma função material, utilitária, essencial para a realização de diversas ações na vida em sociedade, desde ações corriqueiras do dia-a-dia, como pegar um ônibus, até ações mais complexas, que exigem maior e melhor desempenho intelectual, como a conquista de boas oportunidades de emprego, mesmo porque a leitura para eles está estreitamente vinculada ao processo de escolarização. Como na história de Sherazade⁷, a leitura é sinônimo de salvação, inclusive a salvação do mundo do crime.

Esta representação está, partindo das concepções de Moscovici (2003), fortemente influenciada pelo discurso dos meios de comunicação de massa, em que os aspectos exclusivamente positivos da leitura são sempre reforçados, discurso este relacionado diretamente às campanhas governamentais para o incentivo à prática da leitura. Este discurso governamental perpassou diversas vezes a fala dos sujeitos entrevistados. Um deles chegou, inclusive, a mencionar como muito importantes as campanhas feitas pelo governo para estimular as crianças a ler e tira-las das ruas, levá-las para a escola. Este também foi um traço comum entre o grupo – o de que a escola é o espaço privilegiado e mesmo ideal para a prática da leitura.

5.2 A eleição da Bíblia como melhor material de leitura

Dentre os materiais de leitura a que têm acesso, o preferido ou o mais recorrente pelos sujeitos entrevistados é a Bíblia. Apenas um dos entrevistados referiu não ler este material. Aqueles que já liam a Bíblia “na rua” o fazem com a mesma ou maior intensidade na prisão; os que a liam esporadicamente ou não liam, a ela se entregam efusivamente durante certo período, rareando esta leitura conforme se aproxima a data da saída da prisão.

O mais importante a se destacar aqui é a representação de que a Bíblia “diz a verdade”, de que

o texto da Bíblia liberta, leva à salvação. Esta não é uma representação exclusiva dos detentos, mas fortemente evidenciada na prisão. Também se evidencia que a questão não é a religião em si, todas são de certa forma encaradas como verdadeiras. Em seu estudo sobre o sistema totêmico australiano, Durkheim (2000) afirma que, no fundo, “(...) não há religiões falsas. Todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana.” (DURKHEIM, 2000, p. 7). Isto é ainda

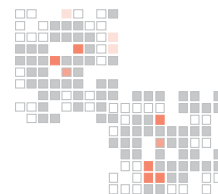
Dentre os materiais de leitura a que têm acesso, o preferido ou o mais recorrente pelos sujeitos entrevistados é a Bíblia.

mais forte nas religiões chamadas de cristãs, já que se orientam todas por um mesmo guia, documento – ainda que traduzido e interpretado diferentemente por cada uma delas – mas de qualquer forma, o mesmo instrumento disseminador de suas crenças – a Bíblia. Daí o valor absoluto de verdade ser tão marcante na representação deste material de leitura em particular.

Esta é uma representação caracteristicamente coletiva, conforme a definição de Durkheim (2003). É algo consolidado, cristalizado nas concepções dos grupos que professam o cristianismo. Não por acaso, por muito tempo, e mesmo hoje, as religiões ou crenças religiosas determinaram o modo como o mundo era e é lido, representado.

Por isso mesmo foi tão evidente a representação coletiva de que o texto bíblico é sinônimo de verdade e tem a finalidade de explicar e determinar a existência, de dar conselhos. Talvez por isso mesmo se recorra tanto à leitura da Bíblia na prisão, para tentar entender, explicar e justificar os rumos pelos quais seguiram as suas vidas, sobre como foram parar na prisão.

⁷ Referência às “Mil e uma noites”.



5.3 A leitura como meio para se isolar

Ouaknin (1996) define o ato de ler como um ato solitário, um ato de encontro com o texto e consigo mesmo. Na prisão, onde os momentos de individualidade são raros, a leitura acaba se constituindo em meio para tal, para sentir-se um pouco só, distante da multidão de rostos que são, ao mesmo tempo, desconhecidos e sempre os mesmos.

Proust (1991), ao narrar sua história como leitor, também aponta que a leitura é este reduto para onde se pode fugir – ao menos por um tempo – da “vida real”, da realidade que cerca o leitor e ir para o mundo narrado pelo livro. Foi comum, entre os entrevistados, a atribuição deste fim à leitura, ou ao menos, ser este um dos sentimentos experimentados pelo grupo durante a prática do ato de ler. Alguns chegaram a usar expressões como: “quando estou lendo, eu estou livre...”; “só na leitura a gente sai daqui [da prisão]”. Mais uma vez a representação de que a leitura rompe com a barreira do real, com as paredes da prisão.

Neste ato solitário, o melhor horário para a leitura foi considerado o da noite já que, para o grupo, a leitura exige concentração e entrega, e o horário de maior silêncio é a noite, em particular, a madrugada. A leitura, principalmente a da Bíblia, foi apontada como o calmante necessário para o despertar do sono. Talvez porque a noite representa a soma de todos os nossos temores e inseguranças.

Praticamente todas as religiões e crenças populares atribuem à noite a identidade de reduto de fantasmas, monstros e criaturas do mal. Lendas do folclore brasileiro e de outros locais, como a mula-sem-cabeça, o boitatá, o lobisomem, o vampiro, todas têm em comum o fato de privilegiarem a noite como o horário de aparecimento dessas criaturas e a luz do sol, ou o dia, como a defesa contra esses seres. Esse temor pela noite e suas criaturas parece mesmo ser tão antigo quanto a própria história do homem. Na Mitologia Grega, por exemplo, o Tártaro, uma das regiões do Hades (a terra das sombras) é descrito como o local

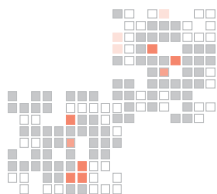
eternamente escuro, nas sombras, para onde são enviadas as almas daqueles que foram culpados de algum erro e que assim recebiam punição eterna. Ou seja, o medo da noite está construído (e solidificado) coletivamente no imaginário popular, sendo transmitido de geração a geração, seja pelas lendas e mitos, seja pelas inocentes cantigas de ninar ou na prática das religiões.

Neste contexto de temores, a maior parte deles de ordem sobrenatural, a leitura da Bíblia e a própria religião apresentam-se como um amuleto, uma defesa contra esses seres e criaturas. Conforme Durkheim (2000), geralmente uma das características das religiões é de serem, justamente, a resposta ou a explicação para os acontecimentos de ordem sobrenatural. Para o autor, “a religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro.” (idem, p.5)

Na prisão, além de todos os temores imaginários, a noite representa ainda o temor pelos danos físicos propriamente ditos. É no silêncio da noite que ocorrem os abusos sexuais, os “acertos de conta”, os espancamentos e até mesmo os assassinatos. Por isso, o grupo define a leitura no horário da noite tanto como calmante ou relaxante para induzir ao sono, quanto o instrumento para manter a mente em “estado de alerta”, em estado de vigília para ao menos não ser pego de surpresa em algumas dessas situações e, assim, ter alguma possibilidade de se defender. A salvação como fim para a leitura, muitas vezes, é a salvação dos suplícios – físicos e psicológicos.

6. Considerações finais

Mil noites e uma noite para curar. Mil noites e uma noite para salvar. Mil noites e 145 noites - é o tempo mínimo de pena para quem é preso por tráfico de entorpecentes, artigo 12 do Código Penal. Assim como ocorre com Xeriar, o rei “salvo” pelas histórias narradas por Sherazade, também os entrevistados na pesquisa aqui relatada buscam



na leitura a sua salvação e a vêem como uma ação dotada, exclusivamente, de aspectos positivos.

Ler “abre os caminhos”, propicia aprendizagem, crescimento espiritual e intelectual, pode ajudar a sair do mundo do crime, ou ao menos ajudar a sair virtualmente do ambiente da prisão. A leitura só traz o bem, só faz o bem e é uma prática a ser incentivada, pois pode ajudar a resolver, ao lado da escola, as desigualdades sociais. Estas são as representações atribuídas à leitura pelos sujeitos do estudo aqui relatado.

Apesar das dificuldades de acesso, das limitações impostas pelo ambiente, a leitura é uma prática recorrente entre os detentos, ainda que em alguns momentos esta leitura esteja restrita a materiais religiosos. Se a leitura efetivamente salva, em que consiste essa salvação, somente um novo estudo poderia vir a apontar. De qualquer modo, para

avaliar qualquer possibilidade educativa ou ressocializadora da leitura é necessária a existência de bibliotecas e outras ações envolvendo tal prática. Enquanto a oferta de materiais de leitura estiver apenas no texto da Lei, sem se efetivar na realidade das instituições prisionais, não se poderá desenvolver trabalhos com a leitura nem avaliar sua contribuição para a reinserção social dos detentos.

Acredito que a leitura contribui para a ressocialização, pelo simples fato de, nas palavras de um dos entrevistados, ser uma atividade que “abre a mente”. Ressocializa no sentido de que uma vez leitor, nunca mais se é o mesmo. Mudamos a cada nova leitura e assim estamos num processo de contínua transformação e aprendizagem. O que faremos com estas leituras somente cada leitor pode determinar. Certo é apenas que não somos mais os mesmos depois que nos entregamos ao ato de ler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRASIL. *Lei de Execução Penal*. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 1997. (Coleção Saraiva de Legislação)
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- _____. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FARR, Robert. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs.). *Textos em Representações Sociais*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. História do nascimento da violência nas prisões. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- JODELET, Denise. (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LEFÉVRE, O DSC e os fatos sociais durkheiminianos. Disponível em: <http://hygeia.fsp.usp.br/~flefevre/durkheimiano.html>. Acesso em 25/11/02b.
- _____, Fernando; LEFÉVRE, Ana M. C. *O Discurso do Sujeito Coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- OUAKNIN, Marc-Alain. *Biblioterapia*. São Paulo: Loyola, 1996.
- PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1991.

